

Na morte de Samora Machel N.10/4/03

Ex-general sul-africano nega ter acusado Chefe do Estado

UM antigo chefe dos serviços de inteligência da África do Sul, que serviu o regime do "apartheid", identificado como Tlenie Groenewald, nega que alguma vez tenha dito que o actual presidente moçambicano, Joaquim Chissano, estivesse envolvido no assassinato do seu antecessor, Samora Machel.

Ele negou igualmente a sua alegação anterior de que o então ministro dos Negócios Estrangeiros da RAS, Pik Botha, tivera conhecimento do plano para assassinar Samora Machel.

Tais alegações, neste caso atribuídas a Groenewald, foram publicadas na última edição do jornal dominical "Sunday World". Mas um dia depois daquele semanário estar nas bancas, ainda, o jornal sul-africano "News 24" citava este mesmo general como tendo dito que não era de forma alguma o que



A Imprensa sul-africana continua a dar evidências de que foi o regime do "apartheid" quem planificou e executou o assassinato de Samora Machel

de facto queria dizer.

Groenewald, disse ao "News 24" que como piloto qualificado, limitou-se a tecer um cenário de quem teria estado envolvido, caso tenha sido verdade que o VOR do aeroporto de Maputo, tenha sido desligado quando o avião em que Machel viajava se preparava para aterrar.

Ele destacou também que "não dispunha da informação sobre o incidente". Na altura em que o avião em que Samora viajava se despenhou, em Mbusizi, dentro da África do Sul, Groenewald trabalhava para o Bureau de Informação e, segundo ele "não estava envolvido em questões operacionais".

Na entrevista ao "Sunday World", Groenewald teria alegado que Chissano foi parte de uma rede de pessoas que colaboraram com elementos do Governo do "apartheid" e do Bureau de Cooperação Civil (CCB), para provocar o despenhamento do avião.

O CCB foi um dos mais temidos esquadrões de morte, que se notabilizou em assassinatos de figuras hostis ao então sistema de "apartheid".

"Estes indivíduos e Chissano foram quem fizeram os cálculos para o assassinato de Machel pelo "apartheid", e pelos securicratas", teria dito Groenewald, antes de vincar que "eu sei porque fui uma vez director de inteligência militar antes de deixar e juntar-me ao Bureau de Informação em 1986.

Groenewald, alegou que ele tem "duas fontes impecáveis em Maputo", que podiam confirmar que os "membros sêniores do Bureau Político do Partido Frelimo, incluindo Chissano, bem como outros seguidores fiéis que estão a par do plano para executar Machel".

Para alguns membros do então Governo de Samora Machel, na altura em que morreu, como o actual membro do Parlamento Teodato Hunguana, a associação de Chissano ao crime que os membros do regime do "apartheid" sempre negaram como tendo sido da sua autoria, visa ilibar os verdadeiros responsáveis e dar-se assim uma imagem de que os próprios moçambicanos é quem ajudaram a matar o seu presidente. - AIM